
Análise semiótica dos laços desfeitos pela doença de Alzheimer no curta-metragem *Undone*¹

Letícia Mendes da Silva GONÇALVES²

Raila Santos COSTA³

Nataly Araujo LEONI⁴

Élica Luiza PAIVA⁵

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o curta-metragem *Undone* que aborda o tema da doença de Alzheimer (DA) na vida de uma mulher idosa. Tal compreensão é realizada à luz da teoria semiótica de C.S Peirce, utilizando a segunda tricotomia do signo. A partir disso, é possível entender a respeito dos aspectos da doença e de como ela impacta na vida da personagem, na de outros portadores da doença e da sociedade como um todo. Assim, se buscará compreender também a relevância da produção audiovisual como uma ferramenta pedagógica que por ser uma representação de uma realidade, contribui para a difusão de informação sobre a DA.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Alzheimer; curta-metragem; Peirce.

A Semiótica é a ciência de toda e qualquer linguagem. Por meio dela, é possível decodificar o mundo através de signos que vão sendo construídos na consciência ao longo da vida das pessoas (SANTAELLA, 1983).

Existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. Portanto, quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada, mas absorve também, inclusive, a linguagem dos surdos-mudos, o sistema codificado da moda, da culinária e tantos outros. (SANTAELLA, 1983, p. 3).

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciência em Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UESB, email: leticiamnds13@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UESB, email: santosraila1@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UESB, email: leoninataly@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UESB, email: elica.paiva@uesb.edu.br

O filósofo, cientista, linguista e matemático americano Charles Sanders Peirce, foi um dos idealizadores das teorias relacionadas ao fenômeno da semiologia. Os estudos de Peirce o levaram a entender a semiótica sob uma perspectiva sistematizada, na qual foi desenvolvida uma teoria do processo de interpretação do pensamento. De acordo com Santaella (1983), C.S. Peirce dividiu o processo de decodificação semiótica em três tricotomias, sendo a segunda, a tricotomia utilizada para esta análise fílmica.

Segundo J. Teixeira Coelho Netto (2014) a segunda tricotomia do signo corresponde ao signo em relação ao seu objeto. É constituída pelo ícone, signo que possui uma semelhança com o objeto que está representando, ele contém o quali-signo, e estabelece uma relação de qualidade com o objeto. Em seguida, o índice representa uma referência ao objeto retratado, um indício da existência do objeto. Por fim, o símbolo é o signo que se refere ao objeto a partir de uma combinação de ideias coletivas e convenções sociais, é um signo arbitrário.

Diante desse entendimento, podemos adentrar de forma cada vez mais específica nos diferentes aspectos relativos ao curta-metragem *Undone*, produzido pelas diretoras Sara Laubscher e Saira George, objeto deste estudo. Trata-se de uma animação 3D que aborda a questão do esquecimento, na qual se utiliza a técnica de stop motion - técnica de animação com bonecos feitos principalmente de madeira ou massinha de modelar - e foi produzida em 2019, pela Animation School, da África do Sul, mostrando o dia a dia e os sentimentos da pessoa com Alzheimer.

A animação é uma das linguagens representantes do real. Segundo Oliveira (1995), a animação é a criação de “movimentos sintéticos” por meio de diversas técnicas que envolvem a tecnologia, recursos plásticos e a fotografia. Ao analisar o curta de animação quadro a quadro, é possível perceber um discurso de uma narrativa sendo criado por meio da personagem. Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar o curta-metragem *Undone*, a luz da teoria semiótica de Peirce.

Para tal análise, será realizada uma descrição das cenas, levando em conta os acontecimentos, elementos do cenário, mudanças e evoluções na trilha sonora. Assim, a semiótica permite que seja feita uma interpretação atrelada à descrição, considerando os ícones, símbolos e índices encontrados nas imagens. A obra em questão narra a rotina solitária de uma idosa que encontra conforto na arte de tricotar. Enquanto tricota numa

tentativa de reviver as memórias, ela entra em um mundo no qual as lembranças ganham cor e textura de lã, mas se depara com a triste realidade cada vez que para de tecer os pontos.

1. Os impasses da construção semiótica do sujeito diante da doença de Alzheimer

De acordo com o Ministério da Saúde, a doença de Alzheimer (DA) é um transtorno neurodegenerativo progressivo que se apresenta pelo declínio cognitivo da memória, implicações progressivas em atividades do dia a dia, alterações comportamentais e psicológicas comuns da demência, responsável por cerca de 60-80% de todos os casos (MORLEYET et al, 2018 apud ARAÚJO et al, 2023). Estima-se que 47 milhões de pessoas são afetadas pela doença em todo o mundo, atingindo principalmente pessoas com idade mais avançada, variando entre 0,16% de pessoas com 65-69 anos, e 23,4% em indivíduos de 85 anos acima (ERATNE et al, 2018).

Por se tratar de um transtorno neurodegenerativo, a evolução da DA acontece em estágios. Os primeiros sintomas da doença se manifestam de forma leve, ocasionando um comprometimento na capacidade de lembrar fatos recentes, uma desorientação do ambiente onde se encontra e até mesmo oscilações de humor (ARAÚJO et al, 2015, p. 2).

À medida que a condição avança, nos estágios intermediários, há um declínio ainda mais significativo no raciocínio do sujeito, prejudicando significativamente sua habilidade de decodificar mensagens abstratas. Já nos estágios terminais do Alzheimer as alterações se tornam mais agravantes e drásticas como “alteração do ciclo do sono, alterações comportamentais (irritação e agressividade), sintomas psicóticos, até incapacidade para caminhar, falar e realizar o autocuidado.” (ZIDAN, 2012, p.161). Nessa fase, a capacidade de compreensão aumenta a ponto do sujeito ter suas funções intelectuais globalmente deterioradas, num estado de dependência total (AZEVEDO, 2010).

A partir deste momento o eu se considera como objeto abandonado, e quando se pensa abandonado por todos os poderes protetores se deixa morrer. Podemos pensar numa volta ao sentimento de desamparo. Porém, agora é o Eu que se abandona, abandona a libido que o investia, se desinveste, e com sua inércia deixa-se ficar nas mãos desta potência crítica

que o habita, livrado a gozo inapelável da desesperança. Deixar-se morrer é isso. Sai da cena. (Azevedo, 2003)

Segundo Nicolau (et al, 2010, p.3) a semiótica Peirceana entende que os seres humanos interpretam o mundo à sua volta por meio das inferências em suas mentes. Ao refletirmos sob essa perspectiva, os sintomas da DA estão diretamente atrelados ao entendimento de que, à medida em que a doença avança, os pacientes deixam de interpretar os signos adquiridos ao longo da vida.

Outro aspecto a ser pontuado é de que, como afirma Vygotsky (2000, p. 33), “o homem é o conjunto das relações sociais encarnado no indivíduo”. Nesse sentido, as relações desenvolvidas pelo sujeito ao longo de sua trajetória são primordiais para moldar quem ele é, principalmente porque as mediações semióticas são as responsáveis pela construção dos significados que moldam tais relações. No entanto, segundo Molon (2011, p.617), “deve-se problematizar as (im)possibilidades de constituir sujeitos imersos nas práticas sociais em um determinado contexto. No caso das pessoas que apresentam os sintomas da doença de Alzheimer, essa impossibilidade se torna gradativamente mais evidente, uma vez que essas mediações semióticas se tornam cada vez mais superficiais.

2. Como o Alzheimer impacta na vida das mulheres portadoras da doença

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) e a Associação Internacional de Doença de Alzheimer (AID), as mulheres idosas estão mais propensas a desenvolver os sintomas avançados da doença. Além disso, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1998 e 2003 aponta que mulheres acima dos 60 anos buscam mais atendimento médico do que homens da mesma faixa etária, independente de suas classes sociais (VERAS, 2009). Por isso o diagnóstico costuma ser mais tardia para pessoas do sexo masculino.

Outro fator que contribui para sustentar esse entendimento é de que, conforme Fernandes (et al, 2018, p. 540), as mudanças físicas e emocionais que as mulheres vivenciam com o envelhecimento são mais intensas. Nessa fase, desde o aparecimento de cabelos grisalhos, da flacidez muscular e o enfraquecimento ósseo à solidão e a

sensação de impotência diante das limitações podem interferir nas experiências e habilidades acumuladas ao longo da vida. Essas interferências podem colaborar para o desenvolvimento da DA, uma vez que historicamente, as mulheres lidam com diversas formas de opressão social, principalmente com relação à sua aparência e produtividade.

Tenho instantes de terrível lucidez, nos quais a imensidade de minha angústia ganha força quando percebo a degradação de minhas faculdades ditas ‘normais’. Na verdade, nem sei mais onde se situa a normalidade, pois o que me faz mais sofrer é não poder viver sem me censurar o tempo todo.” (Couturier, 2004: 103).

O trecho acima pertence ao diário da portadora de Alzheimer Claude Couturier, que nos seus últimos anos de vida registrou sua experiência no dia a dia levando em consideração os próprios sentimentos, ao tomar consciência da angústia e solidão que a cercava diante do diagnóstico. Assim como ela, Dotty, a protagonista do curta-metragem *Undone*, também se encontra nesse aspecto da doença, que alternam entre momentos de lucidez e uma realidade deturpada pela DA.

Logo, é fundamental entender os sentimentos do portador da condição, pois levar em conta o ponto de vista do sujeito que sente na pele as dores e aflições de se conviver com o Alzheimer pode contribuir para a desestigmatização da doença. Assim, *Undone* ilustra diversos aspectos da vida de uma mulher que convive com a DA de sua própria perspectiva. Para compreendermos efetivamente a perda dos significados, dos signos e de sua capacidade de decodificação, analisaremos o curta-metragem a partir de um ponto de vista semiótico.

3. A semiologia nos laços Desfeitos² da memória de Dotty

Nos primeiros segundos do curta, uma vinheta escura se abre do meio para as bordas da tela, seguida da claridade de uma luz que reflete sobre o edredom, desenhando o formato da janela. Esse breve *take* é índice de que a cena se passa em uma manhã. Ouve-se ao fundo o sopro suave do vento, que pode ser um indicativo de tempo frio. Na mesma composição, vemos o cenário de um quarto com decoração e móveis de madeira esculpido com formatos mais clássicos, indicando que podem ter sido produzidos no século passado. As gavetas estão semi abertas, com uma meia escapando

² Tradução do título “Undone”.

por uma das brechas, e a planta ao lado da cama está murcha. Ambas as situações são índice de que alguém esqueceu tanto de fechar as gavetas quanto de cuidar da planta. Sabe-se também que regar uma planta é símbolo de zelo e dedicação por uma vida que depende de você.

Do lado direito da cama, vemos uma pessoa de cabelos grisalhos — índice de que trata-se de uma pessoa idosa — deitada de lado. O movimento sutil de sobe e desce da coberta é índice de sua respiração calma. A cena como um todo é um índice de que ela está dormindo e ao seu lado na cama de casal há um espaço vazio e intocado. Na cabeceira da cama, assim como no resto da mobília e na parede do quarto encontram-se post-its de cor amarela, símbolo de alerta. Também podemos observar retratos expostos irregularmente, sendo índice de que são fotografias de pessoas especiais para a personagem, pois o quarto é um ambiente íntimo. Além disso, as fotografias em retrato são ícones, porque são semelhantes ao objeto real.

Enquanto dorme, o tique-taque do relógio se faz presente ao fundo, índice de que o tempo está passando e é algo importante para a narrativa. Posteriormente, há um close na imagem deixando o relógio em evidência; no visor, 06:12h, os números aparentam terem sido escritos a mão, por conta da caligrafia irregular. Também é possível enxergar mais de perto dois post-its grudados na parede. Em um deles lê-se: “Tome seus remédios”, ao mesmo tempo que, do lado direito do enquadramento, a mão da personagem surge para acender o abajur de estampa floral, símbolo de feminilidade, além de ser índice de que este objeto possivelmente pertenceria a uma mulher. No dedo anelar de sua mão esquerda tem uma aliança dourada, índice de que ela está casada e símbolo de matrimônio.

Na cena seguinte, vemos apenas as pernas e os pés da personagem como se estivéssemos debaixo da cama observando sua movimentação. Sabemos que há o índice de que ela levantando por conta da visão de seus pés calçando as pantufas. Percebemos o índice de confusão quando cada pé comporta uma meia de cor diferente: no direito, uma meia verde e no esquerdo, uma azul.

De repente, estamos dentro do armário de remédios da personagem. Nele, encontram-se pílulas e xaropes, símbolos de tratamento medicinal e índices de alguém está doente; e post-its amarelos colados por toda parte com orientações para que o

remédio "Galantamina³" seja ingerido na hora correta. Este medicamento índice da presença de sintomas de Alzheimer e ícone do frasco que está sendo representado. Por isso, o grande número de recados espalhados pelo quarto advertindo-a que não se esqueça dos remédios nem mesmo dos hábitos semanais, como a reunião do clube de costura.

No segundo 00:16, o título é traçado em literalmente uma só linha. "*Undone*" aparece na tela em letras cursivas da lateral direita para a esquerda. A priori, nossas mentes processam a leveza e fluidez da fonte utilizada, relacionando-a à vida que não é quadrada, mas repleta de caminhos tortuosos. No entanto, ao nos aprofundarmos na análise sob uma perspectiva mais atenta, compreendemos que a forma como o título é mostrado é um índice dos laços desfeitos ao longo da animação, que estão diante de nós desde esse primeiro contato. Nesse sentido, da mesma forma que a palavra se costura em tela, também se desfaz, assim como as lembranças perdidas pela personagem diante de sua doença.

A porta do armário então é aberta, revelando o rosto de uma idosa. O cabelo branco, as rugas presentes no rosto, suas roupas confortáveis feitas de tricô, e os pequenos óculos, são índices e símbolos de sua idade avançada. Ela lê os *post-its* atentamente e, logo depois, desce as escadas em direção ao térreo da casa em um ângulo *plongée*. Na cozinha, apenas duas cadeiras comportam o balcão, índice de sua convivência com mais uma pessoa. As caixas no canto da sala contém itens de decoração com pouca estampa e de tom marrom, índices de que houve uma presença masculina na casa, pois essas características são socialmente ligadas à homens. Apesar da narrativa nos apresentar o marido da protagonista apenas momentos mais tarde, a essa altura já subentende-se que ele existiu mas não está mais fisicamente presente. Assim nos vemos diante de fortes índices da morte do marido da personagem, ao retomarmos minúcias como: o espaço vazio da cama, a substituição do abajur por uma flor que murchou e os pertences encaixotados na sala.

³ Coglive ® - bromidrato de galantamina é usado para tratar a demência do tipo Alzheimer de intensidade leve a moderada com ou sem doença vascular cerebral relevante. Saiba mais em: <https://www.libbs.com.br/wp-content/uploads/2016/07/Coglive_Paciente-ampliada.pdf>. Acesso em: 17/05/2022

Adiante, o ângulo muda para um *close*. Ao centro, vemos os ícones de um gato retratado em uma fotografia e buquês de flores salpicados pelo papel de parede que, embora sua cor acinzentada apresente o índice de solidão, tédio e perda, mostra também feminilidade e delicadeza através das flores desenhadas, dando a entender que a parede é importante para a protagonista. Nesta cena, ela desentorta o retrato do gato, índice de que ela ainda o tem em suas memórias.

A personagem então, segue com o que parece ser sua rotina matinal. Ao fazer menção de acender uma das bocas do fogão, ela hesita pois percebe um *post-it* indicando que deveria utilizar a boca ao lado. Logo depois, abre o armário também repleto de recados e escolhe entre tantas uma caneca azul, esboçando um leve sorriso, índice de felicidade, dando a entender que a caneca em questão é especial para ela. A chaleira apita ao mesmo tempo que libera uma fumaça, índices de que o líquido dentro do recipiente entrou em ebulição. Ao fundo vê-se um recado: “Cuidado, está quente!”, atrelado ao recado na boca do fogão, são índices de que a doença atrapalha até mesmo nas atividades triviais, ela esquece que não pode tocar em algo que está quente para não se machucar. Sabemos que a personagem tomou o café da manhã mesmo sem uma confirmação visual, por conta da prolepse.

Enquanto tricota, sua memória resgata um pensamento: seu marido. Percebemos isso porque, seu corpo produz um estalo — índice de dar-se conta de algo — que direciona seu olhar para o ícone do retrato de um homem idoso, na mesinha ao seu lado. A animação, por sua vez, acompanha o olhar da protagonista, o retrato do homem fica em evidência e a personagem esboça uma expressão saudosa, índice de uma lembrança terna.

Nesse momento, há uma transição em cena: Ela fecha os olhos, sorri e o mundo ao seu redor muda de cor, ganhando tonalidades de rosa, laranja e roxo. É como se ela entrasse em um mundo de tricô, os móveis assumem formas arredondadas e aspecto lúdico, características de um sonho, índice que a personagem está imaginando. Inclusive, as formas arredondadas também são índices, mas de união, consistência e conforto, conforme a psicologia das formas geométricas.

A linguagem corporal de Dotty muda completamente quando abre os olhos ainda no universo imaginário. Índices de espanto, admiração e alegria estampam seu

rosto ao reconhecer o gato feito de remendos que sobe em seu colo. Seu pequeno corpo fragmentado é índice de que o ícone do gato não é real, apenas representa a lembrança de um animal querido que partiu. Doty o acaricia, índice de sua importância para ela, mas, ao perceber que um fio de sua memória está se desmanchando, costura-o de novo, numa tentativa de reconstituir sua lembrança sobre o gato.

Ao perceber a presença do marido no ambiente, a personagem expressa um olhar nostálgico, índice da sensação de saudade originada pela lembrança do que foi vivido. Ele, feito de linhas coloridas tal qual o gato, assim que a percebe no local, vira completamente seu corpo em direção a esposa, estendendo-a as mãos enluvadas. Esse gesto é índice de acolhimento, além de símbolo de reverência e convite. No instante em que a olha, seu rosto exterioriza índices de sentimentos, como ternura e tranquilidade. Doty corresponde exibindo um semblante feliz quando aceita o convite para dançar. Suas mãos se apertam, índice de intimidade e segurança, pois estão juntos em um mundo criado pela personagem, que traz acolhimento e felicidade por vê-lo mais uma vez.

O casal começa a dançar, e o ritmo da animação muda, acompanhando a trilha sonora que passa a adotar um tom mais intenso e animado, índice que eles estão aproveitando o momento. O fundo da cena perde o foco enquanto os personagens entram no enfoque, por isso eles atraem o olhar, índice que nada mais importa no instante, se não o ali e o agora.

Ao olhar por cima do ombro de seu marido, a expressão de Doty se distorce, os olhos se arregalam em preocupação ao passo que a música adquire tensão, índices que algo ruim aconteceu. O gato que saltitava em cima da mesa colorida ao lado da cesta de frutas e utensílios de tecido, estava se desfazendo, índice de que ele se tornaria mais um dos pontos desfeitos em sua memória. Doty então tenta consertar os fios soltos em uma tentativa de não esquecer-lo, o medo e a desesperança impressos em seu rosto, são índices de que ela se deu conta de que não havia mais nada que pudesse fazer para impedir que isso acontecesse. À medida que o gato pula entre os itens dispostos em cima da mesa, seu corpo vai se desfazendo cada vez mais, ele se torna um emaranhado de linhas em um formato que apenas lembra a silhueta do animal, e por fim, as linhas perdem a vida que segundos atrás exibiam.

Em um corte de cena abrupto, o mundo volta a se tornar cinza azulado, índice de melancolia, solidão, e, quando Dotty olha ao seu redor e se dá conta de que tudo não passou de uma fantasia, suspira em frustração em sinal de medo. Sem ânimo, a personagem continua a tricotar.

No minuto 1:56, temos a impressão de estarmos revivendo as mesmas cenas iniciais. Entretanto, percebemos que, apesar da personagem repetir a rotina. Nesse contexto, sabemos que estamos diante de uma prolepse pois fica subentendido que a personagem completou sua rotina do dia e da noite para dormir. Agora, em algum dia seguinte, ouve-se novamente o tique taque ao fundo: o relógio aponta o mesmo horário do outro dia, mas, dessa vez, Dotty não consegue acender o abajur na primeira tentativa. Debaixo da cama, observamos novamente enquanto ela calça suas pantufas, mas a cena seguinte já não é a do armário de remédios, porque a prolepse permite sabermos que a personagem tomou seus medicamentos. O ângulo *plongée* se repete enquanto a personagem desce as escadas sem uma pausa para endireitar o retrato do gato, que já não tem mais um rosto estampado. Isso é um índice de que a personagem não se lembra mais dele.

Para acender o fogão, Dotty se atrapalha novamente, mas, assim como todos os dias, o post-it rapidamente a faz lembrar em qual boca deve direcionar sua mão. Mais uma vez, a prolepse nos dá a entender que a protagonista tomou café da manhã antes de sentar-se na poltrona para tricotar. Ela olha para o retrato do marido e esboça um leve sorriso, índice que ainda se lembra de sua figura. Em seguida, Dotty fecha os olhos e submerge em suas lembranças coloridas. Dessa vez, ao abrir os olhos, Dotty olha para cima, certificando-se que o mundo da sua imaginação está igual à última vez. No entanto, algo mudou. O marido se direciona à ela tal como a primeira vez, para uma dança. O fato da lembrança ter se repetido da mesma maneira, é o índice de um hábito comum do casal. No entanto, o corpo de fios do homem está se desfazendo, índice de que a esposa está esquecendo-o.

A expressão da protagonista transfigura-se de uma calma, para os índices uma clara preocupação e tristeza, a trilha sonora começa a dissonar conforme a tensão da cena aumenta. Enquanto seu marido dança repetindo os passos da última vez que se encontraram, Dotty tenta refazer os seus pontos, as linguagens corporais e expressões

são índice de que a energia do casal destoa. Da mesma forma que a memória do gato se perdeu em linhas soltas, o marido dela começa a perder a forma na mente da esposa. Quando se dá conta de que não há mais nada que possa fazer, ela o abraça forte, índice do apego emocional, uma ligação íntima e símbolo do afeto do qual Dotty não queria se desfazer.

As linhas que compunham o corpo do homem agora estão flutuando em volta do casal, é como se fosse uma aura que faz alusão a outras histórias, em que a presença de uma aura flutuante indica transformação. Em *Cinderela*⁴ (1950), por exemplo, há uma transição entre as vestes de “gata borralheira” da garota, para uma princesa, digna do grande baile. No caso de “*Undone*”, a transição é inversa pois, diferentemente dos contos de fadas, a transformação não partiu de algo “ruim” para “bom”, mas o contrário.

O senhor se desintegra por inteiro, isso é um índice de que ele foi completamente esquecido. Uma lágrima escorre do lado direito do rosto de Dotty, índice e símbolo de um sentimento que transborda. No caso dela, a tristeza. Novamente, ela volta para a realidade, onde tudo é solidão. Ao perceber que está chorando, ela limpa a lágrima do rosto e olha para o porta retrato de rosto apagado, índice de que ela não reconhece mais quem tanto amou. Confusa, Dotty direciona seu olhar para onde o esposo se encontrava em sua lembrança colorida, mas não consegue recordar o por quê. Pelo modo como ele é representado na lembrança da amada, pode-se perceber que o ato de colocar música na vitrola e chamá-la para dançar fazia parte da rotina dos dois.

Dotty volta a tricotar, sem se lembrar do acontecido, e de mais ninguém. Tal fato se confirma a partir do momento que o plano se abre revelando os retratos de rostos apagados por toda a parede. Os créditos do curta vão aparecendo na tela ao lado de outros retratos de pessoas esquecidas por Dotty ao longo dos anos.

3.1. Os ícones, índices e símbolos em *Undone*

Ao relacionar a segunda tricotomia de Peirce ao curta-metragem *Undone*, observa-se como os pequenos detalhes pontuais são dispostos estrategicamente para que o sentido da narrativa se construa. A partir da divisão lógica das partes que interagem

⁴ CINDERELA. Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Walt Disney Productions. Estados Unidos, 1950.

na constituição da semiótica, podemos entender sua infinita grandiosidade e complexidade. Por se tratar de um curta, um frame pode dizer muito sobre a história, dando margem para que vários aspectos fiquem subentendidos.

Como tudo em animações são uma representação de objetos reais, de antemão, percebe-se que toda estrutura do desenho é feita de ícones, relações de comparação com a realidade. “Qualquer qualidade tem, por isso, condições de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe. Daí que, no universo das qualidades, as semelhanças proliferem. Daí que os ícones sejam capazes de produzir em nossa mente as mais imponderáveis.” (SANTAELLA, 1983, p. 15). Dessa forma, no curta em questão, é importante salientar que existem muitos ícones dentro do ícone, enquanto totalidade fílmica, como os porta-retratos que são parte importante da história.

Assim, como os índices, “O índice, como seu próprio nome diz, é um signo que como tal funciona porque indica uma outra coisa com a qual ele está atualmente ligado. Há, entre ambos, uma conexão de fato.” (SANTAELLA, 1983, p. 15). Os índices em *Undone*, se mostram com mais intensidade, dando dicas da doença da personagem e da forma como ela vive sua rotina, além de deixar claro aspectos importantes da história como a morte do marido, algo que fica evidente antes mesmo de ser explícito nas imagens.

Por fim, os símbolos que são convenções sociais, e “para ser interpretado, exigirá um outro signo, e assim ad infinitum. Símbolos crescem e se disseminam, mas eles trazem, embutidos em si, caracteres icônicos e indiciais.” (SANTAELLA, 1983, p. 16). No curta, estão relacionados principalmente pelos sentimentos e emoções expressos pelos personagens, que ficam implícitos também em ações singelas e detalhes na direção da animação. Assim, a partir de um olhar atento e a qualificação da mente proporcionada pelo estudo da semiótica, é possível captar as minúcias e, através delas, analisar para além do que está sendo exibido.

4. Considerações Finais

A doença de Alzheimer afeta, segundo dados do Ministério da Saúde, cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo. No Brasil, o número chega a 1,2 milhão de

diagnósticos, com maior prevalência em mulheres acima dos 65 anos. A cada ano, 100 mil novos casos são registrados e metade da população sequer recebe o atendimento adequado (ABRAZ, 2012 apud Fernandes, 2018, p. 534).

Segundo estimativas da Alzheimer's Disease International, o número de diagnósticos da doença pode chegar a 74,7 milhões em 2030 e 131,5 milhões em 2050, sendo proporcional ao envelhecimento da população que cresce dia após dia. Tendo em vista essa progressão significativa nos diagnósticos nos próximos anos, faz-se necessário um olhar atento para essa questão, levando em conta um preparo não só dos profissionais da saúde pública, como também dos familiares e amigos que cercam a pessoa portadora da DA.

Para que esse preparo seja efetivo, se faz necessária a produção de cada vez mais pesquisas e estudos, bem como produções artísticas que mostrem a realidade crua e subjetiva das pessoas com DA. Assim, explorar a temática do ponto de vista dos desafios e sentimentos de portadores e portadoras da DA pode contribuir diretamente para a quebra do estigma de que o indivíduo se torna completamente inválido com o avançar da doença.

O curta-metragem analisado traz à luz aspectos da doença de Alzheimer de forma lúdica. Ao longo do mergulho nos 3 minutos e 55 segundos, a complexidade com que os sintomas da protagonista se apresentam vai além da determinação das etapas da doença. Mesmo que Dotty aparente ter confusão espacial, episódios de paranóia e perda de memória, há ainda por detrás das camadas, uma subjetividade que transpõe através dos signos apresentados, sinais de uma profunda melancolia, solidão, saudade e a dor do luto.

Em seu texto *Luto e Melancolia*, Freud (1915/2006, p.249) afirma que “o luto é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (...). No caso do curta-metragem, a protagonista perde não apenas o amor de sua vida, como se perde de si mesma aos poucos, voltando a se sentir viva somente nos momentos em que a realidade não parece permear sua volta. Ao levarmos em consideração a semiótica Peirceana, a perda dos signos, seus significados e

interpretações se torna constante na rotina da personagem, por isso o uso dos post-its para rememorar pequenas atividades do dia-a-dia.

Aos poucos, Dotty perderá seu arcabouço de lembranças até se esquecer do próprio marido e das experiências que adquiriu em sua trajetória, ficando apenas com seus pensamentos concretos e superficiais. No entanto, isso não significa que ela, assim como outros portadores da DA, deverá ser inviabilizada, mas sim que precisará cada vez mais de atenção e cuidados.

Referências bibliográficas

ALBERT, R. Paul. **Why is depression more prevalent in women?**. Journal of Psychiatry & Neuroscience, p. 219–221, julho 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4478054/#>. Acesso em: 05/08/2023.

ARAÚJO, Aline Menezes Guedes Dias de et al. **Linguagem em idosos com doença de Alzheimer: uma revisão sistemática**. Revista CEFAC, v. 17, p. 1657-1663, 2015.

ARAÚJO, Sandra Regina Machado et al. **Doença de Alzheimer no Brasil: uma análise epidemiológica entre 2013 e 2022**. Research, Society and Development, v. 12, n. 2, 2023.

AZEVEDO, Beatriz. **Os afetos na vida cotidiana**. Trabalho apresentado na Jornada do Rio de Janeiro – Escola da Causa Analítica, Rio de Janeiro, 2003.

AZEVEDO, Patricia Gomes de et al. **Linguagem e memória na doença de Alzheimer em fase moderada**. Revista Cefac, v. 12, p. 393-399, 2010.

Conhecer a demência, conhecer o Alzheimer: o poder do conhecimento – Setembro, Mês Mundial do Alzheimer. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/conhecer-a-demencia-conhecer-o-alzheimer-o-poder-do-conhecimento-o-setembro-mes-mundial-do-alzheimer/>.

COUTURIER, Claude (2004). **Puzzle, journal d'une Alzheimer**. Paris: Editions Josette Lyons.

ERATNE, D., LOI, S. M., FARRAND, S., KELSO, W., VELAKOULIS, D., & LOOI, J. C. **Alzheimer's disease: clinical update on epidemiology, pathophysiology and diagnosis**. Australasian psychiatry: bulletin of Royal Australian and New Zealand College of Psychiatrists, p. 347–357, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1039856218762308>. Acesso em: 06/08/2023.

FERNANDES, Melina Raabi Santos et al. **Doença de Alzheimer nas Mulheres: prejuízos pessoais e luto familiar**. ID on line. Revista de psicologia, v. 12, n. 39, p. 533-551, 2018.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Editora Cosac Naify, 2006.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**: acesso e utilização de serviços de saúde. Rio de Janeiro; 1998.

MOLON, Susana Inês. **Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem**. Psicologia em estudo, v. 16, p. 613-622, 2011.

NETTO, José Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

NICOLAU, Marcos et al. **Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce**. Revista eletrônica temática, v. 6, n. 08, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

The Global Impact of Dementia 2013-2050. Alzheimer's Disease International, 2013.
Disponível em:

<https://www.alzint.org/resource/policy-brief-the-global-impact-of-dementia-2013-2050/>.

UNDONE. Direção: Sara Laubscher e Saira George. Animation School. África do Sul: 2019 (4min). Disponível em: <https://theanimationschool.co.za/about/student-showreels/>. Acesso em: 15/05/2022.

VERAS, R.. **Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações**. Revista de Saúde Pública, v. 43, n. 3, p. 548–554, maio 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/pmygXKSrLST6QgvKyVwF4cM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01/08/2023.

VIGOTSKI, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade, v. 71, p.45-78, 2000.

ZIDAN, Melissa et al. **Alterações motoras e funcionais em diferentes estágios da doença de Alzheimer**. Archives of Clinical Psychiatry, São Paulo, v. 39, p. 161-165, 2012.